

Antropologia e doença mental em Foucault: Caminhos do *homem* rumo à perda de sua verdade

Fillipa Silveira¹

Resumo

Este artigo tem o propósito de examinar alguns elementos sobre a antropologia em Foucault cuja gênese se encontra na história da psicologia. Até a publicação de uma nova versão, em 1962, do texto *Doença mental e personalidade* [1954] os textos de Foucault não apresentam qualquer crítica à possibilidade de se pensar uma antropologia como reflexão legítima sobre o homem, crítica esta que se tornou célebre a partir dos anos 60. Nesta segunda versão, cujo título foi modificado para *Doença mental e psicologia*, a doença mental passa a ser considerada de um ponto de vista arqueológico, a partir de suas “condições históricas”. Desta nova maneira de se considerar a “história dos fenômenos” resulta todo o projeto de *História da Loucura* [1961] e da crítica à psicologia como pseudociência que, sob o pano de fundo de uma suposta fundamentação das ciências humanas, forja a própria verdade do *homem*, modelo que passa a justificar a submissão dos indivíduos humanos a uma apreciação moral por parte dos saberes, e a um controle ético exercido pelas práticas terapêuticas, educacionais, políticas e jurídicas no mundo ocidental.

Palavras-chave: Antropologia; Psicologia, Sujeito; Homem; Loucura.

Abstract

This article aims to examine some elements of anthropology in Foucault's thought whose genesis lies in the history of psychology. Until the publication, in 1962, of a new version of *Mental illness and personality* [1954], Foucault's works do not present any critique to anthropology as a legitimate thought about man, critique which became famous from the sixties. In this second version, whose title was changed to *Mental illness and Psychology*, mental illness turns to be considered under an archaeological point of view, from their "historical conditions". This new way of considering the "history of the phenomena" gives rise to the project of *History of Madness* [1961] and to the critique of psychology as a pseudo-scientific project which, under the background of a supposed justification of human sciences, forges its own truth of man, a model that provides justification for the subjection of human individuals to moral evaluation by the knowledge, and for an ethical control by therapeutic, educational, political and juridical practices in the western world.

Keywords: Anthropology; Psychology; Subject; Man; Madness.

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos com bolsa CAPES. Mestre em Filosofia (Master of Arts) pelas universidades Ruhr-Universität Bochum, Université Catholique de Louvain-la-Neuve e Université de Toulouse II - Le Mirail (2009), tendo concluído o programa bilíngue Master Erasmus Mundus EuroPhilosophie: Filosofias Alemã e Francesa no Espaço Europeu, com fomento da Comissão Europeia. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2007) com bolsa CNPq.

A "psicologia" é somente uma fina película na superfície do mundo ético no qual o homem moderno busca sua verdade — e a perde (M. Foucault).

Introdução

O nascimento da problemática antropológica no pensamento de Foucault está estreitamente relacionado à questão da psicologia². O estatuto do homem na filosofia torna-se questão para o autor francês a partir do fenômeno da doença mental, dos desvios de comportamento, e dos saberes que se estabelecem sobre os mesmos³. Considera-se aqui a problemática antropológica em Foucault como uma relação entre práticas e saberes que questionam e “constituem” o homem nas suas relações entre alma e corpo, entre sujeito e objeto, entre o âmbito mais íntimo (interno) e as relações com o meio e com o outro (externo). Esta é apenas uma das diferentes apreciações da questão da antropologia por parte do autor francês, e decorre de desdobramentos de seu pensamento ao longo da obra, permeada por visadas distintas dirigidas ao homem. Os primórdios desta investigação remetem aos primeiros contatos, tanto teóricos quanto práticos, de Foucault com a psicologia⁴.

² Refiro-me aqui tanto à psicologia como ciência humana, como à investigação sobre a alma ou a essência do homem, no sentido filosófico. A questão psicológica surge também dentro da investigação sobre o sujeito como fonte e fundamento do conhecimento, em cujo horizonte se desenrola a tensão implicada nas relações entre mente e corpo, entre a função lógica e o domínio da empiricidade, assim como o problema do conhecimento de si.

³ “A loucura é a forma mais pura, a forma principal e primeira do movimento com o qual a verdade do homem passa para o lado do objeto e se torna acessível a uma percepção científica. O homem só se torna *natureza* para si mesmo na medida em que é capaz de *loucura*” (FOUCAULT [1961/ 1972], 2012, p. 570).

⁴ Após ter obtido a *license* em Filosofia em 1948, Foucault complementa o título no ano seguinte com a *license* em psicologia. Recebe também, em 1954, um diploma de psicopatologia do Instituto de Psicologia de Paris. Além disso, atuou na década de 50 em pesquisas laboratoriais em psicologia no Centre Hospitalier Sainte-Anne (cf. ERIBON, 2011, p. 76-80).

No ano de 1954, vêm a lume dois textos: uma *Introdução*⁵ ao livro *Sonho e existência* do psicólogo suíço Ludwig Binswanger, e o primeiro livro de Foucault; *Doença mental e personalidade* (cf. FOUCAULT, 1954). Em ambos, observam-se considerações sobre o transtorno mental e as terapêuticas que se assentam nas bases teóricas da fenomenologia, das filosofias da existência, da psicanálise e do marxismo. A formação filosófica de Foucault foi marcada por estas vertentes teóricas caras ao ensino francês no pós-guerra. Tanto nos liceus como na *École Normale Supérieure*, a filosofia alemã era recebida e ensinada como grande matriz do pensamento voltado às questões sobre a história, o sujeito e suas relações com o mundo, num contexto em que, para intelectuais e pesquisadores, era de fundamental importância conceber uma filosofia capaz de transformar situações, de relacionar o conhecimento e o mundo circundante (cf. ERIBON, 2011, p. 15-172).

Desde os estudos preparatórios no liceu para ser admitido na ENS, Foucault assistia às aulas de Jean Hyppolite⁶ sobre Hegel e a *Fenomenologia do espírito*. Posteriormente, já como normalista, passa a acompanhar com afinco e dedicação as conferências⁷ de Merleau-Ponty sobre o tema da união entre a alma e o corpo em Malebranche, Maine de Biran e Bergson, o que teria influenciado de maneira determinante suas questões em torno da psicologia. Encontram-se aí os primeiros passos do caminho que o fará questionar o núcleo central do problema psicológico, qual seja o homem enquanto sujeito, portador de uma dimensão interna, em relação com sua realidade material – externa – e em constante formação diante de suas relações com o mundo enquanto totalidade significativa. A uma psicologia “naturalista”, Foucault opõe uma psicologia “fenomenológica”, “intersubjetiva”, e pautada na *compreensão* da totalidade do fenômeno que é a doença mental (FOUCAULT, 1954, p. 54-55).

Paralelamente à influência teórica da fenomenologia, o Foucault de 54 revela uma inclinação à crítica social marxista que aparece, contudo, apenas em *Doença mental e personalidade*. O autor havia se filiado, na década anterior, ao partido comunista francês, tendo Louis Althusser como fonte de influência intelectual e política (cf. ERIBON, 2011, p. 62.). Apesar de não ter levado adiante o que se poderia chamar à época de um “saber engajado”⁸, empenhado em

⁵ FOUCAULT, M. Introduction. *In: Dits et écrits I*, 2001, p. 93-147. Introdução ao texto de BINSWANGER, 1954, p. 9-128.

⁶ Célebre comentador da filosofia francesa e ainda referência na recepção do pensamento alemão. As categorias de gênese e estrutura a partir das quais abordava o pensamento de Hegel foram usadas por Foucault como uma espécie de homenagem ao mestre no título da Tese Complementar (cf. DEFERT D. *et. al.* Présentation. *In: KANT*, 2008).

⁷ Publicadas como MERLEAU-PONTY, 2002.

⁸ Hyppolite faz referência ao contexto deste pensamento “destinado a provocar interpretações novas no curso da história e transformações do mundo social e humano” (HYPPOLITE, 1991, vol. I, p.360). No entanto, Foucault parecia já destoar do “comprometimento” padrão da comunidade de intelectuais

modificar, pelo pensamento, a realidade em torno, esta influência do marxismo o levará a considerar a psicologia russa, e a compreender os efeitos das contradições sociais como fatores responsáveis pelo desencadeamento de distúrbios mentais.

É um período em que a abordagem de Foucault sobre o homem se dá de maneira inteiramente distinta daquela celebrizada em *As palavras e as coisas* [1966], onde este é compreendido como objeto das ciências humanas e condição *a priori* da antropologização dos saberes⁹, uma orientação do pensamento que será alvo de forte crítica por parte de nosso autor. Assim, os primeiros passos de Foucault, como nos mostra a *Introdução* ao texto de Binswanger, apontam para uma investigação acerca das possibilidades de se fundamentar uma “reflexão concreta sobre o homem” (FOUCAULT, 1954, p. 93) e de uma antropologia *autóctone* (*Ibid.*, p. 94). Esta orientação, que Foucault encontra na “Daseinanalyse”, funda-se na ontologia de uma analítica existencial como possibilidade de investigação acerca do verdadeiro sentido do ser-homem (o *Menschsein*):

Uma forma de análise cujo projeto não é ser uma filosofia e cuja finalidade é de não ser uma psicologia; uma forma de análise que se designa como fundamental com relação a todo conhecimento concreto, objetivo e experimental; cujo princípio e método enfim sejam determinados de saída apenas pelo privilégio absoluto de seu objeto: o homem, ou antes, o ser-homem, o *Menschsein* (*Ibid.*).

É notável que antes de elaborar o caminho que conduziu as ciências humanas até a morte do “ser do homem” Foucault tenha justamente buscado um fundamento para esta reflexão durante a década de 50¹⁰. Para os propósitos deste artigo, usaremos apenas *Doença Mental e Personalidade* [1954], sobretudo para cotejá-lo com a sua segunda edição, a de 1962, onde se

comunistas, sendo conhecido entre os colegas normalistas como fazendo parte do grupo dos “comunistas folclóricos” (ERIBON, 2011), p. 90).

⁹ “A ‘antropologização’ é, em nossos dias, o grande perigo interior do saber” (FOUCAULT, 2002, p. 481). A crítica ultrapassa os limites desta obra, o termo é utilizado pelo autor para designar um crescente movimento de antropologização da filosofia nos séculos XIX e XX, como decorrência da valorização da filosofia kantiana: o *homem* teria sido erigido como uma estrutura autônoma, como uma certeza fundadora do saber (cf. DREYFUS, Hubert. Foreword to the californian edition. In: FOUCAULT, 1987, p. 7-9).

¹⁰ Com efeito, para além do que se pode observar em *Doença mental e psicologia* de 1962, há todo um caminho percorrido e as modificações apresentadas mostravam-se como inquietudes de Foucault já no final na década de 50, em textos como *La psychologie de 1850 à 1950*. In: **Dits et écrits I**. Paris : Gallimard: 2001, p. 148- 165 e *La recherche scientifique et la psychologie*. In: **Dits et écrits I**. Paris : Gallimard : 2001, p. 165-186, ambos de 1957. Restringimo-nos à investigação das duas versões da primeira obra do autor para colocar em evidência estas mudanças, uma vez que a análise de todos os textos não caberia no espaço restrito do artigo.

observam os efeitos de algumas mudanças operadas no caminho percorrido por estas investigações.

Nesta obra, Foucault aborda o percurso histórico da psiquiatria, o suposto desenvolvimento de estágios evolutivos do psiquismo, e o lugar epistemológico da doença mental. O homem é referido de maneira positiva – seu “exterior”, seu “interior” e a relação entre ambos constituem uma totalidade, uma “unidade real” entre o corpo e o espírito (FOUCAULT, 1954, p. 12). Esta unidade se manifestaria em sua *personalidade*, uma estrutura que o caracterizaria a partir de sua situação global no mundo (*Ibid.*, p. 11-12). A personalidade seria, de acordo com Foucault, o verdadeiro objeto das ciências psicológicas. A antropologia é considerada aí apenas do ponto de vista existencial e enquanto base teórica, sendo o homem compreendido como indivíduo a ser “desalienado”.

A versão de 1962 mostra que Foucault vai, paulatinamente, abandonando a abordagem dos fenômenos relativos à doença mental em favor da busca pelas condições históricas que teriam tornado possível a formação do discurso *científico* da psicologia. Uma nova concepção da história, aquela das “formas de experiência” dos fenômenos, começa a se gestar, o que vem pôr em xeque os fundamentos existenciais, antropológicos e sociais do transtorno mental. Desta nova maneira de se considerar a “história dos fenômenos” resulta todo o projeto de *História da Loucura* e da crítica à psicologia como projeto pseudocientífico que, sob o pano de fundo de uma suposta fundamentação das ciências humanas, cujo objeto seria o homem, forja, na verdade, este mesmo homem, o *homo psychologicus*, submetido a uma apreciação moral e a um controle ético por parte dos saberes e das práticas terapêuticas, educacionais, políticas e jurídicas do mundo ocidental.

O sentido de uma “doença mental”

A primeira parte do texto, intitulada *As dimensões psicológicas da doença*, apresenta o propósito principal do livro que, tanto na primeira como na segunda versão, é o de discernir as particularidades da patologia mental em relação à orgânica. Foucault questiona: será que se pode realmente usar o mesmo termo e falar de uma “doença” no âmbito psíquico? E, além disso, que relações poderia haver entre a doença no corpo e a doença, digamos, na alma do indivíduo? (cf. FOUCAULT, 1994, p. 7). Tal problema se colocaria ao menos desde o final do século XIX quando se teriam começado a definir “perturbações sem fundamento orgânico”, como a histeria

(*Ibid.*). Se não reside no corpo, qual o lugar da patologia mental e o que sua história nos diz sobre ela? Tais questões movem o texto.

Haveria uma espécie de “patologia geral”, um conhecimento metapatológico, a partir do qual todo e qualquer transtorno no corpo poderia ser identificado, sendo a doença concebida como uma unidade de manifestações, uma essência, uma “espécie botânica”, cujos sinais no corpo nos indicariam sua presença (*Ibid.*, p. 12). A psicopatologia teria seguido, de acordo com Foucault, esses postulados e pressupostos herdados da medicina orgânica, e caminhado para uma apreensão errônea do fenômeno da doença mental. Errônea por considerar que haveria unidade onde, na verdade, residiria apenas um “paralelismo abstrato” (*Ibid.*, p. 13) entre a medicina orgânica e a medicina mental:

Gostaríamos de mostrar, pelo contrário, que a patologia mental exige métodos de análise diferentes dos da patologia orgânica e que é somente por um artifício de linguagem que se pode emprestar o mesmo sentido às “doenças do corpo” e às “doenças do espírito” (*Ibid.*, p. 17).

Com a expressão “artifício de linguagem”, Foucault nos remete a uma importante característica de seu método arqueológico que, no entanto, se apresenta aqui ainda em formação, qual seja o exame das formações discursivas¹¹ no âmbito das ciências humanas, mais destacadamente na psicologia. A suposta unidade entre medicina mental e orgânica faria parte daquela “metapatologia”, a ser negada em função de uma unidade buscada no “homem real” (FOUCAULT, 1954, p. 14). A versão de 62 suprime a referência a este homem real, e atribui o artifício daquela unidade a “um fato histórico, do qual já escapamos” (FOUCAULT, 1994, p. 21).

O segundo capítulo da primeira parte começa a tratar das relações entre a doença mental e a história, mas centrando-se na ideia de evolução. Primeiramente, a história é evocada na descrição “evolutiva, virtual e estrutural” da doença com relação às formas da neurose e da libido. Nesta descrição, a doença é observada nos signos que demonstram a abolição de determinadas condutas aceitas como normais pela sociedade.

A análise evolutiva e virtual é complementada pela análise de uma perspectiva histórico-evolutiva do indivíduo, que se desdobra nos capítulos 3 e 4. A angústia e a história de sua manifestação são consideradas como uma espécie de “*a priori* da existência” (FOUCAULT, 1954, p. 53) e como um elemento central na explicação da doença mental. Observa-se que, na

¹¹ Orientação que se apresenta na versão de 1962, e que compreende a doença mental em “sua relação histórica e discursiva com uma ‘psicologia’” (MACHEREY, 1986, p. 757).

versão de 1962, o caráter hermenêutico revelado na busca pelo *sentido* histórico da doença é abandonado em favor da ideia de *constituição* histórica.

Partindo da angústia como *a priori* da existência, Foucault destaca como caráter singular da experiência da doença mental, a compreensão que o sujeito tem de seu próprio transtorno:

A maneira pela qual um sujeito aceita ou recusa sua doença, o modo pelo qual a interpreta e dá significação a suas formas mais absurdas, tudo isto constitui uma das dimensões essenciais da doença. É nos limites de seu corpo que o doente mantém sua doença (*Ibid.*, p. 58).

Apreciação essencialista, portanto, da doença mental, que objetiva dissolver a ideia de que a mesma possa ser reduzida à ambivalência, cara à medicina orgânica, entre o normal e o patológico. O indivíduo que sofre de um transtorno mental forma sua personalidade não só em função de faltas e vazios com relação a estruturas alteradas na sua doença, mas também a partir do que de *positivo* ele constrói e *compreende* de sua própria condição. As relações de significação que o doente faz com o mundo são consideradas fundamentais na constituição de seu próprio transtorno.

As modificações e as “condições históricas” da doença mental

A segunda parte, intitulada *As condições da doença*, título modificado em 1962 para *Loucura e cultura*, volta-se ao mundo, e à história da maneira pela qual a loucura teria vindo a ser identificada com a exclusão e com o comportamento humano desviante. Aborda também a maneira como a própria sociedade se mostra nessas suas formas de exclusão nas quais ela se recusa a reconhecer a si mesma (cf. FOUCAULT, 1954, p. 74). Até o capítulo 5 desta segunda parte, o texto de 62 repete o de 54 com poucas alterações, apresentando uma espécie de descrição das continuidades na apreciação do fenômeno da loucura, que vai de sua compreensão na Antiguidade, como *possessão* por entidades, até suas formas de exclusão no internamento a partir do século XVII, quando a loucura torna-se uma fraqueza humana (*Ibid.*, p. 79).

O século XVIII, em função dos ideais burgueses da Revolução, teria trazido o louco de volta ao domínio da natureza humana. No entanto, desta concepção “humanista” vai surgir uma prática excludente da doença e alienadora do louco com relação ao mundo dos homens.

Este ponto evidencia bem a mudança de posição assumida, pois, até 54, Foucault, além de afirmar que a doença mental colocava o homem diante de sua totalidade, de sua *personalidade*, alienada e excluída porque tornada doença, afirmava a possibilidade de desalienação do homem neste processo. Esse sentido de alienação marcará o século XIX em diante e, àquela altura, Foucault buscava uma personalidade que permanecesse humana (*Ibid.*, p. 83).

Na versão de 62, a restituição de uma “natureza humana” à loucura no século XVII é posta em questão assim como o próprio fenômeno do internamento diante dos princípios humanistas reformadores: “E não há história da psiquiatria ou da medicina que não descubra nestes personagens os símbolos de um duplo advento: o de um humanismo e o de uma ciência finalmente positiva” (FOUCAULT, 1994, p. 81). O fundamento epistemológico da psicologia é, aqui, posto radicalmente em questão.

O capítulo 6 da segunda parte do livro compõe-se de textos inteiramente distintos na primeira e na segunda versão do livro. Na versão de 54, intitulada *A psicologia do conflito*, Foucault aponta para a necessidade de se pensar as relações entre o conflito no nível social e econômico e aquele no nível das condições psicológicas. A passagem desta dimensão patológica interior ao nível dos conflitos sociais poderia fornecer a chave para a compreensão do sentido histórico da doença mental (cf. FOUCAULT, 1954, p. 92).

Foucault recorre a Pavlov e aos princípios do reflexo condicionado para salientar a peculiaridade da doença mental como uma reação de defesa às condições do meio econômico e social ao qual está submetido o indivíduo. Mantém-se a distinção entre a alienação no sentido clássico, que isola o transtorno mental do universo da razão, daquela resultante das contradições sociais. O erro da psicologia, àquela altura, seria o de confundir o conflito interior e psicológico com as condições conflituosas do mundo exterior na determinação da doença mental. No entanto, para se caminhar no sentido de uma verdadeira psicologia, seria preciso não ignorar a unidade destas dimensões, distintas, mas complementares:

Há doença quando o conflito, em vez de trazer uma diferenciação na resposta, provoca uma reação difusa de defesa; em outros termos, quando o indivíduo não pode controlar, ao nível de suas reações, as contradições de seu meio, quando a dialética psicológica do indivíduo não pode se reencontrar na dialética de suas condições de existência (FOUCAULT, 1954, p. 102).

Influenciado pelo paradigma marxista caro ao pensamento francês de então, a doença mental para o Foucault de 54 obedece a uma dialética entre o interior e o exterior do homem, mecanismo que faz parte da constituição da personalidade do indivíduo. Porque *alienado* pelas contradições sociais e econômicas do meio em que vive é que o indivíduo torna-se doente

mental; *alienado*. Não está presente aqui a ideia de alienação enquanto movimento pelo qual o homem se torna estranho a sua própria natureza. Ela se desenvolverá apenas na adoção de uma nova maneira de se compreender a história. A versão de 62, assim como a *História da Loucura*, passa a identificar o desenvolvimento, durante a Renascença, de uma “consciência crítica” da loucura, que desembocaria na cisão entre razão e “desrazão” desde o século XVII, quando “o mundo da loucura vai tornar-se o mundo da exclusão” (FOUCAULT, 1994, p. 78).

A ideia de “condições de existência da doença” vai adquirir um sentido novo na versão de 1962. No prefácio à edição americana de *Doença mental e psicologia*, Hubert Dreyfus explora as modificações ocorridas entre as duas versões e as considerações do próprio Foucault sobre o projeto de seu primeiro livro expostas no prefácio original à *História da sexualidade – O uso dos prazeres* [1984]. Disse Foucault sobre seu projeto no prefácio posteriormente suprimido em favor de um outro:

Estudar, assim, em sua história, formas de experiência, é um tema que me veio de um projeto mais antigo: o de fazer uso dos métodos da análise existencial no campo da psiquiatria e no domínio da doença mental. Por duas razões, dependentes uma da outra, este projeto deixava-me insatisfeito: sua insuficiência teórica na elaboração da noção de experiência e a ambiguidade de sua ligação com uma prática psiquiátrica que ele ao mesmo tempo ignorava e supunha. Poder-se-ia tentar resolver a primeira dificuldade referindo-se a uma teoria geral do ser humano, e tratar o segundo problema de maneira inteiramente distinta, pelo tão repetido recurso ao “contexto econômico e social”; poder-se-ia aceitar assim o dilema então dominante de uma antropologia filosófica e de uma história social. Mas eu me perguntei se não seria possível, e melhor do que jogar com esta alternativa, pensar a própria historicidade das formas de experiência. Isso implicava duas tarefas negativas: uma redução “nominalista” da antropologia filosófica, assim como das noções que se podiam apoiar sobre ela, e um deslocamento com relação ao domínio, aos conceitos e aos métodos da história das sociedades (FOUCAULT, 2001, p. 1398).

Este relato oferece uma visão geral sobre a adoção, por parte de Foucault, de uma compreensão crítica das formas de experiência dos fenômenos, que estaria presente já na reformulação do texto em 1962. A antropologia filosófica subjacente à fenomenologia e à análise existencial, além da abordagem de cunho marxista das relações entre doença mental e conflito, exploradas no capítulo 6 da primeira versão, parecem ter se tornado não só insuficientes, como também incompatíveis, com a concepção crítica de história. Segundo esta, os fenômenos são pensados não em sua significação social ou existencial, nem por meio das relações entre alma e corpo, tampouco pela busca de uma “personalidade” humana essencial, em relação com o meio,

mas, antes, a partir das relações entre sua constituição histórica e suas relações com a verdade (*Ibid.*, p. 1399).

A consideração de uma teoria geral do ser humano torna-se inviável ao exame da história e do lugar da doença mental, uma vez que Foucault passará a identificar, na segunda parte do texto de 1962, uma profunda relação entre a verdade do homem e a verdade da loucura. É o que se torna patente na comparação de uma passagem inicial do texto nas duas versões. Onde em 1954b lia-se

É preciso, então, dando crédito ao próprio homem, e não às abstrações sobre a doença, analisar a especificidade da doença mental, buscar as formas concretas que ela pode adquirir na vida psicológica de um indivíduo, depois determinar as condições que tornaram possíveis esses diversos aspectos, e restituir o conjunto do sistema causal que lhes fundou (FOUCAULT, 1954, p. 16-17).

Lê-se em 1962:

É preciso, então, dando crédito ao próprio homem, e não às abstrações sobre a doença, analisar a especificidade da doença mental, buscar as formas concretas que a psicologia pôde atribuir-lhe; depois determinar as condições que tornaram possível este estranho status da loucura, doença mental irreduzível a qualquer doença (FOUCAULT, 1994, p. 21).

Enquanto o texto de 54 revela uma espécie de epistemologia realista de cunho fenomenológico, voltada às formas de manifestação da doença e do caminho da psicopatologia pautada numa positividade naturalista, a versão de 62 aproxima-se de uma análise histórico-crítica, ainda que também positiva: criticamente positiva, no que diz respeito à consideração dos efeitos produtivos dos saberes (cf. MACHEREY, 1986, p. 760).

No meio deste deslocamento de perspectiva que anuncia a arqueologia de Foucault no âmbito da investigação sobre a loucura e os saberes sobre ela, destaca-se a objeção a uma norma antropológica subjacente, uma vez que a loucura passará a ser compreendida numa relação intrínseca com a verdade do homem, não mais do homem total, portador de uma personalidade, mas da verdade sobre ele erigida no horizonte da psicologia enquanto ciência humana.

A mudança de perspectiva que leva Foucault a uma modificação de seu texto em 62, além de indicar uma consideração distinta da ideia de história, de positividade, e das condições do aparecimento dos fenômenos na ordem dos saberes, revela também um deslocamento antropológico: do homem e sua personalidade mórbida como fenômeno, ao homem louco como efeito, produção do saber da psicologia. Como poderia ainda fazer sentido a ideia de “desalienação”, se a própria alienação não é mais causa da doença, mas o efeito dos saberes e práticas da psicologia e da psiquiatria? O que antes era salvaguarda do caráter específico da

“medicina mental” torna-se o efeito de uma psicologia científica que cristaliza uma realidade *interior* do homem, herdeira da valorização da faculdade humana “mais elevada”, tal como será compreendida desde o final do século XVIII a razão.

Depois desse processo de interiorização, a psicologia se formará definitivamente a partir de uma apreciação moral do homem. Na *História da Loucura*, referindo-se à “insanidade moral”, Foucault afirma ser ela, “mais que qualquer outra doença mental”, a manifestação da “curiosa ambiguidade que faz da loucura um elemento de interioridade sob a forma de exterioridade”, sendo um “modelo para toda psicologia possível” (FOUCAULT, 2012, p. 517-518).

A passagem da loucura à doença mental passa pelo nascimento do Homem. O primeiro homem é assim, o homem louco; o *insensé*, o sem razão. Com o desenvolvimento da ciência da psicologia, o homem teria descoberto sua verdade, mas também se deparado com a perda dessa verdade na alienação da loucura. Remontando ao início do primeiro livro de Foucault e aos questionamentos motores da obra – a demarcação do lugar particular da doença mental com relação à patologia orgânica – que teriam levado o autor a uma compreensão fenomenológico-existencial da *personalidade*, observa-se que há ali uma visão ainda acrítica da psicologia.

Foucault também compreendera o homem nas relações entre o que nele é interno – o funcionamento das estruturas de sua subjetividade – e no que é externo – seu corpo como objeto da medicina orgânica, assim como o mundo, compreendido fenomenologicamente, onde se desenrolam suas relações com o outro e onde se dão as implicações que constituem a impressão que ele faz de si mesmo. Ainda que ali se tratasse, para ele, de caminhar no sentido da ruptura com a perspectiva de uma consideração positiva sobre a doença, que tornasse possível a quebra com a ambivalência normal/ patológico, a ênfase na ideia de “personalidade” o leva para próximo de uma psicologia centrada na ideia de um homem essencial, enquanto totalidade das relações entre seu interior e seu exterior.

Considerações finais

A orientação teórica que fazia Foucault assinalar a necessidade de se considerar de maneiras distintas a terapêutica do transtorno mental com relação à da patologia orgânica, quer dizer, a compreensão de um lugar específico de atuação da psicologia, converte-se, em 1962, numa ênfase nos efeitos da ciência da psicologia como um saber que medicaliza o louco em sua

interioridade. A psicologia, no século XIX, tende a centrar a doença mental no âmbito “interior” do doente, sobre o qual passarão a atuar medidas de tratamento moralizantes:

[...] o louco tinha que ser vigiado nos seus gestos, rebaixado nas suas pretensões, contradito no seu delírio, ridicularizado nos seus erros: a sanção tinha que seguir imediatamente qualquer desvio em relação a uma conduta normal. E isto sob a direção do médico que está encarregado mais de um controle ético que de uma intervenção terapêutica. Ele é, no asilo, o agente das sínteses morais (FOUCAULT, 1994, p. 82).

Adiante, no desenvolvimento da arqueologia, esta consideração crítica com relação a um modelo de homem normal, nascido paralelamente ao advento da psicologia, e que se impõe aos indivíduos humanos no formato de uma terapêutica moralizante, se converterá numa empreitada contra a validade dos fundamentos epistemológicos da psicologia. A marca antropológica dessa ciência do “espírito” destaca-se naquilo que lhe dá o horizonte de possibilidade:

Ou seja, o homem só tornou-se uma "espécie psicologizável" a partir do momento em que sua relação com a loucura permitiu uma psicologia, quer dizer a partir do momento em que sua relação com a loucura foi definida pela dimensão exterior da exclusão e do castigo, e pela dimensão interior da hipoteca moral e da culpa. Situando a loucura em relação a estes dois eixos fundamentais, o homem do começo do século XIX tornava possível uma tomada sobre a loucura e através dela uma psicologia geral (*Ibid.*, p. 84-85).

O homem só se torna uma espécie psicologizável porque o sujeito da psicologia é convertido em doente mental e, paralelamente, em homem; objeto das ciências humanas. O homem se torna uma figura alvo de crítica para Foucault quando se torna *homo psychologicus*.

Contudo, como alerta Pierre Macherey, apesar de o saber da psicologia ser criticado em seu caráter moralizador e antropologizador, remanesce aberta a questão sobre se a arqueologia de Foucault teria sido capaz de escapar a uma nova ontologização no que diz respeito à própria loucura. Haveria a apologia a uma loucura desalienada, essencial, que se expressaria no uso de sua linguagem original, tal como expressa nas obras de Antonin Artaud, Raymond Roussel, Gérard de Nerval, Nietzsche, Goya e tantos outros. Ou seja, mesmo que não em nome de uma *personalidade*, haveria ainda, na *História da loucura*, uma consideração do ser da loucura que manteria Foucault ligado, ainda que de outra maneira, a uma concepção essencialista do homem.

Caminho aberto em favor de uma desalienação da loucura (forma essencial submetida à exclusão pela cisão Razão/ Desrazão desde o Classicismo), ou investida a favor da livre relação do sujeito consigo mesmo? Segundo Pierre Macherey (1986, p. 770):

Compreende-se então em que limites se inscreve a retificação que Foucault aplica em 1962 ao seu texto de 54: deslocando a ideia de uma verdade psicológica da doença mental para aquela de uma verdade ontológica da loucura, ela deixa intacto o pressuposto de uma natureza do homem, ainda que ela aqui se reporte mais a uma evocação poética do que a um saber positivo.

Um indício endossaria a posição de Macherey. É ainda “dando-se crédito ao próprio homem”¹² que Foucault, na versão de 1962, busca, nas formas concretas da psicologia, o lugar da doença mental.

Retomando-se, no entanto, o prefácio original à *História da Sexualidade – O uso dos prazeres*, ainda que aqui nos comprometamos com as dificuldades decorrentes de um salto cronológico na obra do autor, uma indicação teórica nos permitiria encontrar, na história da experiência da subjetividade, um lugar para o sujeito, para além do homem e da norma antropológica. Ali Foucault resume todo seu caminho na disposição de três eixos teóricos através dos quais se daria a “história das formas de experiência” (FOUCAULT, 2001, p. 1398) dos fenômenos que se tornaram objetos de suas investigações, como a loucura, a sexualidade, o crime etc. O primeiro deles diria respeito à formação dos domínios do saber, o segundo, às relações entre estes saberes e determinadas regras de conduta e práticas punitivas e, por fim, a modalidade da relação a si mesmo (*Ibid.*, p.1400-1402). Do ponto de vista deste último eixo, a desalienação da loucura remeteria não a sua essencialidade, tampouco àquela do homem, mas à expressão possível da liberdade do sujeito na relação com a linguagem e consigo mesmo.

Referências

DEFERT, Daniel ; EWALD, François *et. al.* Présentation. *In*: KANT, Immanuel. **Anthropologie du point de vie pragmatique** et FOUCAULT, M. **Introduction à l'anthropologie**. Paris: J. Vrin, 2008.

DREYFUS, Hubert. Foreword to the californian edition. *In*: FOUCAULT, Michel. **Mental illness and psychology**. Trad. de Alan Sheridan. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. Paris: Flammarion, 2011.

¹²Em 1962 encontra-se ainda, na base da crítica aos métodos de análise da psicopatologia, “o problema da unidade humana e da totalidade psicossomática” (FOUCAULT, 1994, p. 13). Talvez com razão tenha dito Dreyfus: Foucault não gostava de seu primeiro livro. Teria deixado notas onde recusava todos os direitos de reimpressão da edição de 1954. Teria tentado, sem sucesso, impedir a tradução da edição revisada de 1962 (cf. DREYFUS, Hubert. Foreword to the californian edition. *In*: FOUCAULT, 1987, p. viii).

FOUCAULT, Michel [1954a]. Introduction. *In: Dits et écrits I*. Paris : Gallimard, 2001, p. 93-147.

_____. **Maladie mentale et personnalité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

_____. [1957a]. La psychologie de 1850 a 1950. *In: Dits et écrits I*. Paris : Gallimard, 2001a, p. 148-165.

_____. [1957b]. La recherche scientifique et la psychologie. *In: Dits et écrits I*. Paris : Gallimard, 2001a, p. 165-186.

_____. [1962]. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. [1966]. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. [1984]. Préface à l'« Histoire de la sexualité ». *In: Dits et écrits II* [1976-1988]. Paris: Gallimard, 2011.

_____. [1961/ 1972]. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

HYPOLITE, Jean. **Figures de la pensée philosophique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991. vol. I.

MACHEREY, Pierre. Aux sources de l'Histoire de la folie: une rectification et ses limites. **Revue Critique: Michel Foucault du monde entier**. Paris: Éditions de Minuit, n. 471 – 472, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **L'union de l'âme et du corps**: chez Malebranche, Biran et Bergson. Paris: Vrin, 2002.